

“O samba é do povo, que sofre, que sabe o que é a fome”: o que a memória discursiva nos diz sobre?

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v54i3.3859>

Debora Helen de Oliveira¹

Resumo

Este artigo propõe uma análise discursiva do enunciado “O samba é do povo, que sofre, que sabe o que é a fome”, proferido por Beth Carvalho em 2016. A partir da Análise de Discurso de linha francesa, especialmente dos conceitos de Michel Pêcheux, examino como a memória discursiva articula histórica e simbolicamente o samba ao sujeito coletivo chamado “povo”. Ao problematizar os sentidos que emergem dessa designação, busco compreender como o enunciado reinscreve experiências de sofrimento, privação e fome como constitutivas dessa identidade. Assim, discuto como o samba funciona como prática discursiva capaz de dar visibilidade a vivências socialmente marginalizadas e de produzir efeitos de sentido que atravessam tanto o imaginário social quanto as relações de desigualdade que o sustentam.

Palavras-chave: samba; povo; memória discursiva; Análise de Discurso.

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; deborahelen.oliveira@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-3396-8523>

Samba belongs to the people, who suffer, who know what hunger is": What does discursive memory tells us?

Abstract

This article offers a discourse-analytic reading of the statement "Samba belongs to the people, who suffer, who know what hunger is," uttered by Beth Carvalho in 2016. Drawing on the French tradition of Discourse Analysis, particularly on Michel Pêcheux's theoretical framework, I examine how discursive memory historically and symbolically links samba to the collective subject designated as "the people." By problematizing the meanings that emerge from this designation, I aim to understand how the statement reinscribes experiences of suffering, deprivation, and hunger as constitutive of this identity. In this sense, I discuss how samba functions as a discursive practice that renders socially marginalized experiences visible and produces effects of meaning that shape both the social imaginary and the structural inequalities that sustain it.

Keywords: Samba; People; Discursive Memory; Discourse Analysis.

Introdução

Os sentidos de "povo" se deslizam em diversas produções de significação que vão além do simples rótulo de quem sofre ou luta. Como Eni Orlandi (2004) nos lembra, não existe sentido sem interpretação, e essa interpretação varia conforme as condições de produção. Quando Giorgio Agamben (2014) destaca que o termo "povo" nas línguas europeias modernas frequentemente se refere também aos excluídos e aos marginalizados, somos levados a questionar: quem realmente define quem é o povo? Na luta de classes proposta por Marx, a complexidade dessa definição se intensifica, revelando uma luta de classe (que é política), uma fratura que nos obriga a olhar para as contradições dentro desse coletivo. O que vemos, então, é um mosaico em que os que sedizem "povo" não compartilham apenas experiências de luta, mas também uma rica tapeçaria de identidades, que desafiam a noção de um povo homogêneo.

Ao refletirmos sobre a afirmação "*O samba é do povo, que sofre, que sabe o que é a fome*",² deparamos com sentidos que ressoam profundamente com a memória coletiva, mas

2 A cantora Beth Carvalho, em entrevista ao *El País* três dias após a condução coercitiva do ex- presidente Lula pela Polícia Federal, compartilhou suas preocupações com a situação política no Brasil, especialmente em relação ao samba e à cultura popular. Ela criticou o desprezo que o samba enfrentou nas gravadoras e celebrou a evolução do gênero ao longo de sua carreira de 51 anos. Carvalho também abordou questões de machismo na música, a nova geração de artistas e a despolitização das escolas de samba. Em uma perspectiva crítica, ela mencionou a influência da CIA na cultura brasileira e expressou apoio à luta por justiça social. A entrevista ocorreu em seu apartamento na Zona Sul do Rio de Janeiro, no dia 19 de março de 2016. Neste artigo, deixaremos a análise completa da reportagem e da entrevista para um próximo trabalho, focando apenas no enunciado "O samba é do povo, que sofre, que sabe o que é a fome".



que também provocam controvérsias. Jacques Rancière (1996) aponta que a classe dominante ignora a parte que lhe cabe nas relações sociais, perpetuando uma exclusão que afeta aqueles que não se reconhecem como povo. Essa ideia levanta questões inquietantes: quem é, de fato, o povo que “sabe” da fome? São apenas os pobres, ou também aqueles que, mesmo sem vivenciar a miséria, contribuem para a rica cultura do samba? O samba, ao se autodenominar a voz do povo, abre espaço para uma reflexão crítica sobre a representação e, até mesmo, a apropriação cultural.

Nesse sentido, a Análise de Discurso materialista nos convoca a considerar que o enunciado sobre o “povo” não se reduz a uma descrição sociológica, mas se constitui como efeito das condições históricas de produção que o atravessam. O termo opera como um lugar de disputas ideológicas, em que diferentes formações discursivas tentam estabilizar sentidos que, por natureza, são instáveis. Assim, o “povo que sofre” não é simplesmente aquele que vivencia a fome, mas um sujeito constituído discursivamente a partir de memórias e esquecimentos, inclusões e exclusões, que determinam quem pode ser reconhecido como legítimo portador dessa voz coletiva. O samba, ao articular esse sujeito, reinscreve uma posição social marcada pela contradição: ele convoca tanto uma identidade de resistência quanto uma identidade produzida pela própria lógica da desigualdade.

Ao observarmos a circulação desse enunciado no espaço social, compreende-se que ele participa de um jogo político de visibilidade e invisibilidade, nos termos de Rancière. Aqueles que são identificados como “o povo” aparecem como sujeitos de um sofrimento que lhes confere autoridade discursiva, mas essa visibilidade pode, paradoxalmente, fixar imagens que reduzem a complexidade das experiências vividas. A AD materialista mostra que o discurso não apenas diz sobre realidades sociais, mas as produz, e é justamente nesse processo de produção que o “povo do samba” pode ser capturado por discursos hegemônicos que romantizam a pobreza ou transformam o sofrimento em mercadoria cultural. Tal captura reforça as desigualdades que o próprio samba, em sua origem, buscou denunciar.

Por fim, ao compreendermos o samba como prática discursiva atravessada pelo interdiscurso, percebemos que sua força política não reside apenas na denúncia das condições materiais da vida popular, mas também na possibilidade de deslocar sentidos que tentam fixar o povo em uma posição única. A polissemia³ do termo, longe de ser um problema, constitui-se como espaço de disputa onde diferentes sujeitos, práticas e memórias se encontram e se confrontam. Assim, o samba pode tanto reproduzir a lógica dominante quanto instaurar rupturas que desestabilizam a ordem dos discursos,

3 A polissemia refere-se aos múltiplos movimentos de sentido que atravessam um mesmo objeto simbólico. Na Análise de Discurso, ela se articula ao múltiplo, ao jogo entre o um e o outro, entre o parafrástico e o polissêmico, entre o singular e o plural. Esses termos não são pensados como oposições nem como pares dicotômicos, pois não existe uma fronteira rígida que os separe. Pelo contrário, tratam-se de processos constitutivos da própria linguagem, coexistindo e se produzindo mutuamente no funcionamento discursivo.

criando brechas para novas formas de subjetivação política. É nesse tensionamento que se inscreve a pergunta fundamental: quem tem o direito de falar como povo, e quem se beneficia ao definir esse lugar?

O enunciado “O samba é do povo, que sofre, que sabe o que é a fome” produz uma ambivalência que merece reflexão. Sugere-se que a dor e a luta são características exclusivas de um povo que, historicamente, tem sido marginalizado. Mas será que essa visão é suficiente para abarcar a totalidade da experiência que o samba representa? Cada nota, cada verso, é um eco das lutas e das vozes silenciadas, mas também questiona uma multiplicidade de identidades que compõem a cultura do samba. Ao nos depararmos com essa afirmação, somos convidados a questionar: quem, de fato, é esse povo que “sabe” da fome?

Nesse ponto, a Análise de Discurso materialista permite compreender que a construção discursiva do “povo” não é natural nem neutra, mas resultado de disputas ideológicas que buscam estabilizar sentidos em um terreno essencialmente instável. O enunciado sobre o samba, ao associá-lo à fome e ao sofrimento, reinscreve uma memória discursiva que legitima determinadas posições-sujeito e silencia outras. A palavra “povo” opera como um significante flutuante, cuja historicidade carrega marcas de desigualdade e resistência, mas cuja circulação também pode cristalizar imaginários que reduzem a complexidade social. Assim, o discurso que vincula o samba ao sofrimento não apenas descreve uma realidade, mas produz um efeito de verdade que condiciona quem pode, ou deve ser reconhecido como sujeito legítimo do samba.

Além disso, quando esse discurso circula nas práticas sociais, ele participa de um processo mais amplo de gestão simbólica do sofrimento, onde certas narrativas são valorizadas enquanto outras são apagadas. A AD materialista nos lembra que não há discurso sem ideologia, e que a ideologia funciona justamente ao naturalizar posições sociais marcadas por relações de poder. Ao afirmar que o samba é do povo que “sabe o que é a fome”, o enunciado pode reforçar uma lógica de exotização e romantização da pobreza, transformando o sofrimento em elemento de autenticidade cultural. Nesse movimento, o povo é simultaneamente elevado como guardião de uma tradição e mantido em um lugar de subalternidade, uma posição que serve tanto à indústria cultural quanto ao imaginário dominante que consome o samba como símbolo, mas ignora as condições materiais de quem o produz.

Por fim, ao interrogarmos quem tem autoridade para definir o que significa “ser o povo”, torna-se evidente que essa definição nunca é inocente: ela envolve a disputa por legitimidade discursiva, pelo direito de falar e de ser ouvido. A partir de uma perspectiva discursiva, torna-se necessário compreender como o discurso sobre o povo opera como estratégia de delimitação, um modo de regular quais corpos, quais vozes e quais experiências são autorizadas a ocupar o espaço simbólico do samba. A AD materialista



nos oferece, então, uma chave para perceber que o povo, longe de ser uma entidade homogênea, é uma construção discursiva atravessada por contradições, desigualdades e resistências. Em vez de aceitar o enunciado como mera constatação, cabe indagar como ele participa da manutenção de uma ordem social que se sustenta na exclusão, e como o próprio samba pode, paradoxalmente, funcionar tanto como instrumento dessa ordem quanto como ferramenta de sua subversão.

E, mais importante, o que isso nos diz sobre a construção de uma identidade que, frequentemente, é moldada pela dor e pela exclusão? A ideia de um povo homogêneo que partilha a experiência do sofrimento pode servir a um propósito fundamentalmente político, mas não nos permite perceber a multiplicidade de vozes que compõem essa narrativa. Nesse sentido, será que estamos realmente ouvindo as histórias que vão além do estereótipo da pobreza, ou estamos perpetuando uma imagem que reduz a complexidade da experiência humana a uma mera representação do sofrimento?

É certo que, historicamente, o povo tem sido definido não apenas pela fome, mas pela marginalização que o empurra para as sombras da sociedade. Essa marginalização não é apenas econômica; ela é ideológica, impregnada em nossa cultura e em nossas instituições, perpetuando uma visão de mundo que desumaniza aqueles que são considerados “outros”. Assim, a questão que se coloca é: quem decide o que significar parte desse “povo”? É uma classificação que, em última análise, determina as relações de poder e opressão, onde a fome não é apenas uma condição de vida, mas uma ferramenta de controle social, moldando identidades de maneira que favorece a manutenção de um sistema desigual.

Neste jogo complexo de identidades, a luta pela representação se torna um campo de batalha. Ao falarmos de um povo que sofre, estamos, por acaso, subestimando a riqueza de suas vivências? Ou, ao contrário, estamos capturando apenas uma fração da realidade que merece ser revelada? O samba, enquanto expressão cultural, desafia essa noção simplista, propondo um diálogo onde cada batida e cada verso clamam por reconhecimento e inclusão. Assim, ao explorarmos essa ideia de povo, somos convocados a questionar não apenas as narrativas dominantes, mas também a nossa própria posição nesse emaranhado de desigualdades.

A delimitação do “povo” como categoria identitária revela um processo contínuo de disputa simbólica. Em vez de representar um coletivo homogêneo, essa palavra abriga múltiplas histórias, desigualdades e projetos políticos. Ao enquadrar o povo como aquele que sofre, cristaliza-se uma imagem que, apesar de verdadeira em muitos contextos, reduz a complexidade da experiência social a uma narrativa única, que nem sempre contempla os deslocamentos, as contradições e as resistências que atravessam esse sujeito coletivo. O risco, então, é transformar uma experiência histórica em essência, como se a identidade popular estivesse irremediavelmente atrelada à privação.

Essa simplificação se intensifica quando práticas culturais como o samba são utilizadas para legitimar determinadas representações sobre quem pertence, ou não, ao povo. A consagração do samba como “voz dos que sofrem” pode funcionar tanto como reconhecimento quanto como aprisionamento, criando um imaginário que associa autenticidade à miséria e legitimidade à dor. Nessa lógica, o sofrimento passa a operar como critério de pertencimento, ao mesmo tempo em que exclui experiências populares que não se enquadram nessa moldura narrativa. Assim, o samba pode ser interpretado como território de disputa, onde diferentes grupos tentam impor sentidos que validam suas próprias posições sociais.

Ao deslocarmos o olhar para as relações de poder que sustentam essa produção de sentidos, torna-se evidente que a categoria “povo” cumpre uma função estratégica: ela organiza percepções sociais, orienta políticas e define quem pode ocupar o espaço da enunciação. A fome, real, simbólica ou historicamente herdada, torna-se elemento que demarca fronteiras entre aqueles que são vistos como legítimos representantes da cultura popular e aqueles que apenas transitam por ela. Nesse processo, não é apenas a experiência da marginalização que está em jogo, mas a forma como essa experiência é mobilizada ideologicamente para manter uma ordem que administra diferenças, regula identidades e distribui reconhecimento de forma desigual. Questionar essas operações significa abrir fissuras no discurso dominante e possibilitar outras formas de dizer, e de existir como povo.

O que a memória discursiva nos diz sobre o samba?

O samba, ao longo de sua suposta evolução, abrangeu uma diversidade de temas que dizem sobre a “realidade” do povo, como louvação, mortalidade, pobreza, crítica social, amor e cotidiano. No entanto, o presente artigo não se propõe a explorar a memória discursiva de cada um desses tópicos, dada a sua complexidade. Em vez disso, o foco recai sobre a intersecção entre o intradiscurso⁴ e o interdiscurso⁵ – ou seja, a memória – no que diz respeito ao sofrimento produzido no samba. Portanto, questionamos: como os sentidos de sofrimento se inscrevem nas narrativas desse gêneromusical, especialmente se considerarmos a afirmativa de que “o samba é do povo, que sofre, que sabe o que é a fome”?

4 Para Pêcheux, podemos entender o conceito intradiscurso como: “o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois; portanto, o conjunto de fenômenos de ‘co-referência’ que garantem aquilo que se pode chamar o ‘fio do discurso’, enquanto discurso de um sujeito” (Pêcheux, 1975/2014, p. 151, aspas do autor).

5 Em relação ao Interdiscurso, o autor afirma que: o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade, torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (metaforizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e deslocar historicamente (Pêcheux, 2011, p. 158).



No contexto da relação entre o samba e o sofrimento, é essencial reconhecer que, ao expressar suas dores nas letras, o sambista frequentemente não se dá conta de que esse sofrimento é resultado de um contexto histórico e social mais complexo, que não é completamente acessível a ele. Essa situação pode ser comparada à imagem de alguém diante de uma grande árvore, incapaz de ver sua copa, semelhante ao conto do pé de feijão. Conforme Courtine (1999), “o enunciável é exterior ao sujeito enunciator”, indicando que a voz que ressoa nas letras do samba não é exclusiva de quem a canta.

Nessa perspectiva, o sofrimento que aparece no samba não pode ser compreendido como mera expressão individual, mas como resultado de um entrelaçamento de discursos que antecedem e ultrapassam o sujeito sambista. As narrativas de dor presentes nas letras são, antes de tudo, atravessadas pelo interdiscurso, aquilo que já foi dito, pensado e sedimentado historicamente sobre o “povo” e sua relação com a miséria. Assim, quando o sambista canta a fome, ele se inscreve em uma cadeia de sentidos que o precede, atualizando memórias sociais marcadas pela desigualdade. Esse processo evidencia que a dor não é apenas tematizada no samba; ela é reinscrita, reafirmada e, muitas vezes, legitimada como parte constitutiva da identidade popular.

Por outro lado, a própria contradição que atravessa o samba, entre denúncia e reprodução, abre espaço para pensar o gênero musical como lugar de disputa simbólica. Se o enunciável é exterior ao sujeito, como propõe Courtine, isso significa que o sambista não controla totalmente os sentidos que produz, mas também que esses sentidos podem ser deslocados, tensionados ou reconfigurados. O samba, então, atua como campo em que diferentes memórias discursivas se confrontam: a memória que associa o povo ao sofrimento e a memória que reivindica a potência criativa, política e transformadora desse mesmo povo. Nesse jogo, torna-se possível imaginar o samba não apenas como expressão da dor, mas como força capaz de desestabilizar a lógica que a naturaliza, abrindo espaço para novas formas de significar o que é viver, e resistir como povo.

Ao mesmo tempo, essa reinscrição produz efeitos políticos que merecem atenção. Quando o sofrimento se torna eixo central da representação do povo no samba, corre-se o risco de transformar a dor em um elemento de reconhecimento cultural, naturalizando as estruturas que a produzem. A estetização da miséria, ainda que não seja intencional, pode funcionar como dispositivo ideológico que estabiliza a percepção de que o povo “é assim”, condenando-o a ocupar permanentemente o lugar da carência. Nesse sentido, o samba não apenas retrata a realidade, mas participa da constituição de um imaginário no qual o sofrimento se torna marca identitária, dificultando a emergência de narrativas que subvertam essa lógica e reivindiquem outras formas de existência.

Nessa lógica, a repetição discursiva do sofrimento no samba pode ser entendida como parte de um movimento mais amplo de produção e circulação de sentidos que atravessam a memória social. O que se apresenta como “experiência individual” do sambista é, na



verdade, efeito de formações discursivas que organizam o que pode ser dito sobre o povo e como esse povo deve aparecer na cena simbólica. Há, portanto, uma economia política do dizer que distribui lugares de fala e expectativa de sentidos: ao povo, cabe a dor; a alegria, quando aparece, é frequentemente representada como alívio momentâneo ou fuga provisória. Essa distribuição não é neutra: ela reforça posições sociais marcadas pela desigualdade e limita os modos possíveis de subjetivação.

Por isso, o sofrimento no samba opera também como um aparato de inteligibilidade social: ele torna legível uma determinada imagem do povo, vinculada à luta pela sobrevivência, à precariedade e às perdas afetivas. Esse enquadramento, contudo, dificilmente permite que outras dimensões da vida popular, invenção, agência política, conflito, dissenso, insubordinação, ocupem o centro do discurso. Ao privilegiar narrativas de dor, o imaginário hegemônico do samba se aproxima de uma lógica histórica que associa autenticidade cultural à vulnerabilidade. Essa autenticidade, porém, é produzida e consumida dentro de um sistema que beneficia-se da manutenção dessas mesmas condições de vida que afirma representar. Assim, a estética do sofrimento torna-se também uma forma de regulação social.

Assim, ao mencionar o sofrimento, o sambista não apenas se insere em um ciclo de repetição, mas também evoca uma voz já existente, esquecendo-se de que não é o autor dessa narrativa. Courtine (1999) enfatiza que, nesse interdiscurso, o sujeito não ocupa um espaço identificável, mas ecoa uma voz sem nome. Dessa forma, o sofrimento no samba reafirma a ideia de que essa música é do povo que luta contra a fome e enfrenta as adversidades cotidianas, incluindo desilusões amorosas. O sofrimento, portanto, emerge como uma marca identitária, intrinsecamente ligada à vivência daqueles que compõem e apreciam esse gênero.

Entretanto, é justamente na tensão entre repetição e deslocamento que reside o potencial crítico do samba. Ao ecoar uma voz sem nome, o sambista reinscreve sentidos que não domina, mas também abre brechas para que esses sentidos sejam tensionados e ressignificados. A contradição, elemento central no materialismo, é constitutiva do próprio funcionamento discursivo: o samba denuncia a fome ao mesmo tempo em que pode ser apropriado por estruturas que lucram com sua imagem; ele reproduz uma identidade marcada pela dor, mas também oferece condições para a emergência de outras formas de existência coletiva. Nessa ambivalência, o samba revela sua força política: não porque expressa uma verdade sobre o povo, mas porque expõe as disputas que atravessam os modos de construir essa verdade e indica que o sofrimento, longe de ser destino, é campo de luta simbólica.

Ainda sob a perspectiva de Courtine (1999), a citação e a reinterpretação de discursos anteriores conferem aos elementos do discurso uma estabilidade no domínio da memória, criando um espaço de recorrência. É crucial, nesse contexto, articular a memória

à narratividade, entendida como “o modo como a memória se expressa” (Orlandi, 2013). Além disso, devemos considerar que “a língua é a materialidade do discurso” (Orlandi, 2011), o que nos leva a perceber a presença de uma linguagem específica na construção do sujeito sambista, que ocupa uma posição no discurso.

Nesse sentido, ao observarmos os lexemas “povo” e “sofre”, percebemos que eles não operam como simples unidades lexicais, mas como marcas discursivas carregadas de historicidade, que se estabilizam, ainda que provisoriamente, no espaço da memória social. A recorrência dessas palavras nas narrativas do samba evidencia um funcionamento que não é apenas semântico, mas profundamente ideológico: o “povo” aparece reiteradamente vinculado ao sofrimento, e esse vínculo se naturaliza a ponto de parecer inerente à própria definição de povo. Trata-se de um processo que transforma o sofrimento em atributo identitário, consolidando um efeito de evidência que mascara sua construção histórica. Dessa forma, o samba não apenas mobiliza essas palavras; ele as reinscreve em uma cadeia de sentidos que antecede o sujeito e o interpela a ocupar o lugar daquele que sofre.

A articulação entre memória e narratividade torna ainda mais visível o modo como essas palavras funcionam discursivamente. Quando o lexema “povo” aparece nas letras, ele convoca uma memória que associa esse sujeito coletivo à desigualdade, à fome, à resistência cotidiana. Já o lexema “sofre” reforça e atualiza essa posição, delineando um campo de possíveis onde o povo é sempre aquele marcado pela falta, pela violência e pela precariedade. A narratividade do samba, enquanto forma de expressão da memória, organiza esses sentidos em histórias que se repetem, mas que se apresentam como novas a cada enunciação, dando ao discurso a aparência de espontaneidade. Entretanto, essa espontaneidade é resultado de condições históricas e ideológicas que determinam o que pode ser dito sobre o povo, e como, no espaço simbólico do samba.

Para compreender essa dinâmica, revisitar os estudos de Payer se torna relevante, pois ela analisa a memória da língua do imigrante italiano e sua influência no discurso contemporâneo dos brasileiros que descendem dessa história de imigração. Payer propõe uma visão de memória que é viva e dinâmica, emergindo na interseção entre tempo e espaço. Para ela (2006), o foco não deve ser unicamente um direito formal, mas sim o valor que esses elementos conferem à formação histórico-política do sujeito, que, como cidadão, expressa práticas históricas por meio da linguagem.

Essas observações encontram ressonância no que Payer propõe ao pensar a memória como atravessamento temporal e espacial: a memória do povo que sofre não é apenas lembrada, mas atualizada no ato de narrar. Assim como a língua dos descendentes de imigrantes italianos carrega marcas de uma história que não se encerra, a linguagem sambista carrega os vestígios da formação sócio-política do Brasil, atualizando-os na materialidade lexical. O par discursivo “povo/sofre” constitui, portanto, um núcleo de

significação que mantém vivo um passado de exploração e marginalização, ao mesmo tempo em que reproduz, no presente, as condições de inteligibilidade desse sujeito coletivo. Esse movimento não é inocente: ele revela como o discurso participa da perpetuação de posições sociais e de identidades marcadas pela dor, ao mesmo tempo em que pode fornecer brechas para que esses sentidos sejam tensionados, deslocados e ressignificados dentro das práticas culturais.

É preciso pensar na intersecção entre intradiscurso e interdiscurso que há no samba, como algo que não se limita à mera repetição de um discurso anterior; ela expõe uma tensão constante entre o que é dito agora e o que já foi dito, entre a voz do sambista e as vozes que ressoam por meio dele. Nesse sentido, o samba não é apenas uma expressão pessoal de sofrimento, mas um espaço em que o sujeito se inscreve em um ciclo discursivo mais amplo. Ao mencionar a fome, a luta e as decepções, o sambista diz sobre um passado que não é só dele, mas do “povo”, e é justamente nesse ponto que a análise discursiva se intensifica, pois ao se deparar com o sofrimento, o sujeito não controla inteiramente o sentido que produz, já que ele se vê atravessado por enunciados anteriores, significando, por muitas vezes, uma certa voz coletiva, o que Pêcheux (1975/2014) chama de intradiscurso – esse fio que costura o que é dito com o que será dito – se desdobra como um ato de reafirmação e uma tentativa de continuidade.

No entanto, não é apenas a co-referência que mantém esse fio do discurso, pois o interdiscurso, como Pêcheux (2011) nos lembra, é o verdadeiro princípio de funcionamento da discursividade. O que parece ser uma mera repetição do sofrimento, na verdade, se desloca, se transforma, conforme esse sofrimento é articulado em outros discursos. Quando o sambista fala da fome, ele está, simultaneamente, atualizando e deslocando esse discurso para novos horizontes. O sofrimento é constantemente reconfigurado, pois o interdiscurso permite que ele se construa não apenas a partir de uma experiência vivida, mas da memória de lutas anteriores, de vozes que ecoam através do tempo e espaço. Assim, o que parece ser uma simples canção de dor é, na verdade, um campo de disputas discursivas, em que o sentido de “povo que sofre” se ressignifica a cada nova enunciação, criando novas fraturas e reatualizando velhas feridas.

Essa dinâmica nos obriga a olhar para o samba não apenas como um lugar de repetição, mas como um palco onde as contradições discursivas se intensificam. O que é dito no presente, enquanto intradiscurso, remete a um passado que não cessa de retornar, mas que nunca é idêntico a si mesmo. O sambista, então, é atravessado por uma memória discursiva que, longe de ser estática, opera em uma tensão constante entre a reafirmação de identidades e a subversão de sentidos. Ao expressar seu sofrimento, o sambista não apenas se posiciona no presente, mas reconfigura o sentido do que significa “ser povo”. É nessa fratura entre o que é dito e o que ressoa que encontramos a complexidade discursiva do samba: uma luta contínua pela construção de identidades que, ao mesmo tempo em que significam o passado, jamais deixam de se reinventar no presente.

Nessa mesma direção, uma análise de discurso materialista exige compreender que o modo como o samba articula seu universo de sentidos não se separa das condições históricas e ideológicas que o atravessam. Os sentidos mobilizados nas canções, com destaque para termos como *povo* e *sofre*, atua na constituição de posições-sujeito específicas, sempre vinculadas a memórias discursivas que antecedem o enunciador. O termo *povo*, por exemplo, circula na história brasileira como um significante ambivalente: exaltado como portador de autenticidade cultural e, ao mesmo tempo, associado a condições de marginalização e privação. Já *sofre* ultrapassa a dimensão afetiva ou individual e inscreve o sujeito em uma experiência socialmente determinada, frequentemente naturalizada no imaginário nacional. Quando esses significantes se articulam no samba, produzem efeitos de sentido que não se limitam a retratar uma realidade, mas ajudam a estabilizar, ou tensionar lugares políticos e identitários atribuídos àqueles que são nomeados por eles.

Por fim, Orlandi (2003) sugere que devemos “trabalhar o sentido” não como algo isolado, mas como uma “relação a”. Diante dessa perspectiva, surge a indagação: como a memória se manifesta em relação ao sofrimento, especialmente quando consideramos que “o samba é do povo, que sofre, que sabe o que é a fome”? Essa será a questão central a ser explorada na análise subsequente, que aborda a relação entre sofrimento, identidade e narratividade no enunciado proposto.

Gesto de análise

A análise discursiva proposta, fundamentada nos pensamentos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, traz à tona uma complexidade intrigante no enunciado “O samba é do povo, que sofre, que sabe o que é a fome”, considerando aspectos do funcionamento sintático-linguístico e as relações sociais que o permeiam. A estrutura do enunciado apresenta um sentido que parece simples e evidente, mas produz efeitos profundos. O sujeito “o povo” é definido, enquanto as orações subordinadas “que sofre” e “que sabe o que é a fome” parecem qualificar essa identidade, revelando uma conexão com a dor e a pobreza que desafiam a superficialidade da enunciação. Isso sugere uma vivência histórica, uma luta constante que não se limita ao presente, mas evoca um passado que ecoa nas vozes do samba. Assim, o samba, então, parece ser menos uma expressão individual e mais uma construção coletiva, onde a dor e a luta por reconhecimento se entrelaçam, evocando a identidade do povo.

A articulação entre *povo* e *sofre* revela não apenas uma relação gramatical ou semântica, mas um dispositivo discursivo que estabiliza determinadas posições-sujeito no interior da formação social brasileira. Esses lexemas, quando aproximados, ativam uma memória discursiva que associa de maneira quase automática a identidade coletiva à privação, à vulnerabilidade e à desigualdade estrutural. O enunciado “o povo que sofre” não emerge como descrição neutra, mas como efeito de processos históricos nos quais o sofrimento

se converteu em traço identitário, naturalizado e, em certos contextos, até moralizado. Ao serem mobilizados no samba, tais significantes adquirem materialidade política, porque reinscrevem, a cada repetição, o lugar social reservado aos sujeitos subalternizados.

Desse ponto de vista, é preciso compreender que povo não funciona como um termo referencial transparente: ele opera como um significante político que convoca sentidos contraditórios, disputados e historicamente móveis. Em alguns discursos, povo aparece como símbolo de autenticidade cultural, pureza e resistência; em outros, como categoria que designa precariedade, miséria e ignorância. Já o lexema sofre desencadeia uma cadeia parafrástica que remete não apenas a uma experiência individual de dor, mas a uma estrutura de exploração que perpassa a história do trabalho, da racialização, da fome e da desigualdade no Brasil. Quando esses dois termos se acoplam, formam um bloco discursivo que produz efeitos de evidência: como se fosse “natural” que o povo sofra, como se o sofrimento fosse uma característica quase ontológica desse coletivo.

A noção de que “o samba é do povo” pode ser vista como uma crítica à marginalização das vozes populares em um contexto de relações de poder onde o individualismo prevalece. No entanto, é preciso considerar que a condição de “sofrimento” e “fome” não são apenas descritivos, mas envolvem uma crítica social e uma reflexão sobre a luta de classes, sublinhando a tensão entre a cultura popular e as elites que podem não perceber essa luta ou que, de certa forma, tentam silenciá-la. O samba se torna, assim, uma arena de resistência, onde a vivência do sofrimento é transformada em arte, um ato de afirmação que desafia as normas estabelecidas.

Do ponto de vista materialista, essa aparente naturalidade precisa ser desmontada. A aliança discursiva entre povo e sofre não resulta de uma essência, mas de processos ideológicos que organizam e regulam o modo como os sujeitos podem ser nomeados e reconhecidos. A repetição desse par no samba, “povo que sofre”, não diz apenas sobre uma realidade empírica, mas a reinscreve, a fixa e a estabiliza na memória social. É justamente por isso que a discursividade do samba produz efeitos ambivalentes: ao mesmo tempo em que denuncia a desigualdade, pode também reforçar uma imagem de povo atrelada exclusivamente à dor, ofuscando outras formas de existência, agência e elaboração subjetiva que não passam necessariamente pela lógica da falta.

Neste prisma, o enunciado “O samba é do povo” não se limita a uma simples declaração de pertencimento, mas sugere uma afirmação de identidade e de resistência. O uso do verbo “é” funciona como um elemento categórico que tenta fixar uma relação de propriedade e pertencimento. No entanto, essa relação é multifacetada, pois o “povo” evocado não é uma entidade homogênea, mas um conjunto de vozes que compartilham, por meio do samba, um espaço de resistência e de expressão de suas vivências. Aqui, o sujeito posiciona-se não apenas como um observador, mas como alguém que está imerso nessa cultura, dando voz a um coletivo que sente e vive a dor.



Essa ambivalência permite compreender como o sofrimento, quando incorporado como elemento discursivo, opera tanto como denúncia quanto como marca de sujeição. A enunciação do sofrimento no samba pode se converter em resistência porque torna visível aquilo que o discurso dominante tenta apagar, a fome, a exploração, a violência estrutural. No entanto, essa mesma visibilidade pode produzir um enclausuramento identitário, aprisionando o povo em uma narrativa linear na qual o sofrimento é o ponto de partida e de chegada. Assim, os lexemas *povo* e *sofre*, quando repetidamente articulados, tornam-se operadores de um gesto político que precisa ser analisado criticamente para que possamos compreender quais identidades são possibilitadas ou interditadas por esse discurso.

Além disso, ao observarmos o funcionamento discursivo desses termos, percebemos que eles não apenas nomeiam sujeitos, mas regulam sua circulação social e simbólica. O povo-sofredor é facilmente reconhecido, facilmente representado, facilmente estetizado, o que não significa que seja ouvido ou que suas demandas políticas sejam atendidas. O samba, ao reinscrever essa figura, torna-se ao mesmo tempo espaço de fala e de captura: fala porque permite que vozes historicamente marginalizadas se inscrevam no discurso; captura porque reinscreve a posição da dor como o lugar mais “legítimo” a partir do qual o povo fala. Esse paradoxo é constitutivo do funcionamento ideológico da linguagem tal como descrito por Pêcheux: o discurso oferece posições para o sujeito, mas tais posições nunca são neutras.

As expressões “que sofre” e “que sabe o que é a fome” introduzem uma dimensão de sofrimento e experiência que não é meramente descritiva, mas que convoca o interlocutor a refletir sobre a condição do povo. Ao mencionar o sofrimento, o enunciado não só reconhece uma realidade dolorosa, mas também destaca a capacidade de resistência e de consciência crítica desse povo. A estrutura de repetição da conjunção “que” enfatiza a continuidade do sofrimento e a construção de uma identidade coletiva marcada por essa vivência. Assim, a dor não é apenas um elemento isolado, mas parte de uma narrativa coletiva que se entrelaça com a história e as lutas sociais.

A partir da perspectiva de Michel Pêcheux, vemos que o sentido não é fixo; ele é construído na relação entre sujeito(s). Dessa forma, a análise aponta para o caráter “dialético” do discurso, onde o “sujeito” se forma e se transforma na relação com suas experiências e com a linguagem. O “povo” não é apenas o sujeito passivo desse enunciado, mas um agente ativo que ressoa as vozes e as lutas de sua história. O uso de expressões que evocam sofrimento e consciência social implica uma crítica ao sistema capitalista e às relações de poder que marginalizam esses sujeitos.

Além disso, a presença da fome como um elemento central não pode ser subestimada. Fome, aqui, não é apenas uma questão de escassez de alimento, mas um símbolo das desigualdades sociais e da luta de classes. Esse elemento parafrástico expõe uma

realidade de opressão e revela um desejo por dignidade e reconhecimento. Assim, o enunciado se torna um convite à reflexão sobre as condições sociais que permeiam a vida do povo e a importância do samba como um espaço de resistência e de afirmação identitária.

Assim, essa análise nos convida a questionar e a explorar as diversas camadas desentido que permeiam o discurso, levando em conta as relações de poder, a história e as lutas sociais que moldam a experiência do povo que sofre e que sabe o que é a fome. E, ao final, nos interpelamos: que lugar, afinal, ocupa o samba em meio a essa realidade? Será que sua melodia ecoa apenas a dor ou também a esperança de um futuro em que a fome não seja mais a única certeza do povo?

Por fim, compreender o entrelaçamento entre *povo* e *sofre* implica reconhecer que o discurso não apenas descreve o mundo, mas o produz. Quando o samba repete, atualiza e reorganiza esses significantes, ele não apenas narra uma experiência de sofrimento, mas intervém no modo como essa experiência é simbolizada, interpretada e politicamente mobilizada. Perguntar pelo sentido dessa articulação é perguntar pelas condições de produção desse discurso: quem pode dizer que o povo sofre? Quem legitima essa fala? E, sobretudo, que outras possibilidades de nomeação, menos marcadas pela falta, pela carência e pela dor, poderiam emergir se deslocássemos o eixo interpretativo que historicamente colocou o povo à figura do sofredor? É nesse espaço de abertura, entre o que é dito e o que poderia ser dito, que se inscreve a potência crítica de uma análise discursiva materialista.

Considerações finais

Ao longo deste recorte⁶, exploramos como a Análise de Discurso nos permite compreender os sentidos que permeiam a produção musical, em especial o samba, revelando que este gênero vai muito além de ser apenas uma expressão cultural festiva. Ao contrário, o samba carrega em si uma densidade discursiva que desafia as estruturas de poder e questiona as narrativas dominantes. Nesse cenário, fica claro que as significações do samba não surgem isoladas, mas são construídas a partir de um processo sócio-histórico, enraizado em memórias de exclusão, resistência e transformação.

Assim, o enunciado “O samba é do povo, que sofre, que sabe o que é a fome” emerge como um discurso provocador que desafia a estabilidade dos sentidos. Ele não oferece

6 O enunciado “O samba é do povo, que sofre, que sabe o que é a fome” faz parte de um recorte que apresentei e que está inserido na minha tese, também apresentada no evento do GEL(2024). Esse recorte foi trazido como uma análise dentro da tese intitulada *O samba e a denúncia social – o processo de urbanização da cidade paulista e o discurso da luta da classe operária nas canções de Adoniran Barbosa*. A partir dessa análise, exploro como o samba reflete o sofrimento do povo, não apenas relacionado à fome, mas também à exclusão social provocada pela urbanização. Assim, o recorte evidencia o papel do samba como voz de denúncia e resistência às injustiças enfrentadas pela classe trabalhadora.

uma única verdade, mas abre espaço para uma pluralidade de leituras, de gestos, expondo as contradições de uma sociedade marcada por lutas de classe e desigualdades. Nesse enunciado, o samba se torna mais do que música; ele é uma metáfora da própria luta popular, onde o sofrimento e a fome não são apenas temas, mas experiências vividas e reiteradas. A própria repetição dessas vozes no samba faz parte de um interdiscurso que ecoa as dores e as esperanças de gerações que se apropriam dessa linguagem para resistir.

Portanto, se o samba é, de fato, do povo que sofre e conhece a fome, ele não pode ser compreendido de forma simplista ou romântica. Seu efeito é muito mais profundo e politizado, pois nele reverberam os ecos de uma história de opressão e resistência. Fica então a provocação: o que realmente está em jogo quando cantamos o samba? O que ele diz sobre o poder, sobre a identidade, e sobre a memória de um povo? No fundo, o enunciado nos incita a questionar até que ponto o sofrimento que o samba produz é aceito como parte da identidade nacional, e em que medida essa aceitação é, na verdade, uma forma de silenciamento ou naturalização de desigualdades estruturais.

Referências

AGAMBEN, G. *O que é um dispositivo?* Tradução Nilcéia Valdati. Chapecó: Argos, 2014.

ANDRADE, M. de. *Dicionário musical brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: MinC; São Paulo: Edusp, 1989.

COURTINE, J. J. O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURKY, F. (org.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999.

El País Brasil. Beth Carvalho: O samba é do povo, que sofre, que sabe o que é a fome. *El País Brasil*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/11/cultura/1457714455_460596.html. Acesso em: 10 out. 2024.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. *Discurso, Imaginário Social e Conhecimento*. Brasília, DF. Ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.

ORLANDI, E. P. *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2004a.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2004b.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: LAGAZZI-RODRIGUES, S.; ORLANDI, E. P. (org.). *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

ORLANDI, E. P. et al. (org.). *Gestos de interpretação: da história no discurso*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PAYER, M. O. *Memória da língua: imigração e nacionalidade*. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. (org.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2010b.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 2010c.

PÊCHEUX, M. Metáfora e interdiscurso. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. In: ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011. p.151-161. Original de 1984.

PÊCHEUX, M. (1975). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

RANCIÈRE, J. *Disagreement: politics and philosophy*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.